

SANTA CORUJA DA RIBEIRA

Uma coruja das torres grande como dois bufos reais, isso lá não pode ser. Podia à porta duma taberna no princípio do século XV. Não era pintada, mas esculpida no tronco dum ulmeiro centenário depois da grande peste do ano 1348, pelo José António Nobre, um marceneiro que nunca fez outra escultura. Cadeiras, mesas, armários, portas, janelas e coisas dessas, sim, e vigamentos por falta de carpinteiros. Nem quiz vendê-la, essa coruja, a ricaços que achavam-na bonita. Não era bonita era sua, mesmo se os operários deviam contorná-la, como ele. Legou-a ao neto e mobilou a taberna. A coruja, ela, á porta da taberna ficava mesmo frente a frente da igreja de São Francisco. O taberneiro era também um artista. Transformava qualquer carne em coisa que nem podem imaginar, como os legumes das hortas, ou secos. Que as carnes fossem assadas, fritadas, cozidas, a coruja cheirava-as todas e aprendia o que é bom, ouvindo os cantos na igreja e sermões, aprendia o que é bem. Sabia o José Lopes o que fazia esculpindo-a ? Na estatueta de madeira batia um coração de pau. Queria entrar na igreja, mas não entram nas igrejas corujas de madeira. Os seus olhinhos cravados em cima da sua cara, como pregos numa almofada em forma de coração brilhavam, viviam, fremia o biquinho mais abaixo, que fazia como uma virgula ao seu nariz — que só via-se de perfil. Havia uma velha aleijada com cara de bruxa e muletas ; quando passava, rapazões davam pontapés numa das muletas só para vê-la agitar os braços imensos para ficar de pé, cair devagarinho, e agarrar as muletas para levantar-se, sobre as perninhas ; parecia mesmo um orangotango. Os passantes que viam desviavam os olhos. A coruja de madeira, não aturava, e tampouco aturava o que via. Queria socorrê-la e não podia soltar-se do seu ramo de ferro. Não sei o que pediu a Deus mas desdobrou-se, um dia. Era sempre uma coruja de madeira, mas também uma moça de carne que foi ajudar a desgraçada e viram todos que a velha podia então andar sem as muletas. A menina tinha uma cara de coruja, como un coração, sobranceiras fofas, olhos bem espetados, nariz direito, vertical, et a boquinha sob o nariz. Foi à igreja de São Francisco, onde ficou até o anoitecer da tarde. E, antes de passar a noite no corpo da coruja de madeira comeu muita carne à taberna, onde o Pafunso Nobre a reconhecerá, como o cura e os fregueses. São Francisco falava ao vento, à chuva, às aves, aos bichos. Entram o vento e a chuva nas velhas igrejas, muitos ratos sob as telhas e corujas para comê-las. Aquela podia mesmo entrar dentro da nave, quando parecia uma moça como as outras. Porque não ? Já se viram paroquianos que são asnos a ouvir padres que são burros. Fez a menina muito bem no bairro. Curava enfermidades, e quando queria dar pão aos

pobres, havia logo pão na sua mão aberta, e mesmo garrafinhas para os bêbedos que sofriam de sede. Chamavam-na a *Santa Coruja da Ribeira*. Pessoas diziam que na aurora viam-na com a cabeça à esquerda ou à direita. Observava o rio por entre os tectos. Fremiu uma tarde o Douro d'uma maneira estranha. Não era a maré. Eram centenas de ratos a nadar contra a corrente, como para invadir a cidade a montante. Pensou que o marceneiro a tinha esculpida para tal eventualidade, depois da grande peste. As asas de madeira rangeram pela primeira vez, ela pôde largar enfim o ramo. Quanto mais voava, crescia, cobria-se de carne, de penugem e de penas. Voava a flor de agua. Eram os ratos todos puxados no beco, digeridos apenas ingeridos, e cagados sobre os outeiros Douro acima. Exalava sua merda o perfume dos ascetas mortos que secam e das rosas dos jardins. Comeu e cagou 1938 ratos. Foi a coruja, depois daquela façanha, descansar dentro de seu corpo de madeira, feliz como os santos no paraíso. Descansou cinquenta dias assim. Partiu entretanto o Infante Dom Henrique para Ceuta com sua armada, que os Portuenses deviam abastecer. Desapareceu assim toda a carne do Porto, só ficaram as miudezas e as tripas. O Pafunso tinha chouriços, sacos inteiros de favas, folhas e mãos de vitela, galinhas de Miragaia, cabeça de porco, toucinho, orelheiras, cebolas e cenouras. Cozeu tudo isso, e meteu amêijoas e tentáculos de polvos dentro, inventando uma receita que servem ainda, mas com feijões, et sem mariscos. No quinquagésimo dia foi a moça matar o bicho, e comeu tripas à tripa-forra. Estava sentado à outra mesa um rapaz com sobrancelhas bem fixadas ao nariz que corriam como um leque apenas aberto até as fontes. Não sei o que piou o rapaz à donzela nem o que a moça respondeu ; o que sei, é que se foram. Só ficaram a coruja das torres esculpida à taberna do Pafunso e um mocho galego pintado sobre a tabuleta duma pousada de Traz-os-Montes. Esta história contou um cronista do século XVI, chamado Francisco de Assis. Também escreveu que não tiveram filhos, mas seis corujas das torres e seis mochos galegos.

